

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "VISITA MUITO BREVE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): FRANCO, MIGUEL

Adaptador: 7

Realizador: ESTEVES, CASTELA

Locutor: 7

Data de produção: 22/1/1975

Data de Emissão: 27/1/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSEFINA SILVA	MÃE
MÁRIO PEREIRA	MANUEL
JOÃO LOURENÇO	AFONSO

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

10/peis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

PEDIDO DE GRAVAÇÃO	15-30 HORAS
A GRAVAR EM 22/1/75	VISTO
HORA 10-00	82
MINI-TEATRO	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

" VISITA MUITO BREVE "

Autor:

MIGUEL FRANCO

PERSONAGENS

MÃE

MANUEL

AFONSO

//

(A CENA SUGERE A CASA DE ENTRADA DE UMA HABITAÇÃO CAMPESTRE, COM PORTA PARA UM PÁTIO E OUTRA PARA INTERIORES, LAREIRA BAIXA, MESA E BANCOS - É A DIVISÃO ONDE TUDO ACONTECE NA VIDA FAMILIAR: COZINHAR E COMER, REUNIR, DORMIR UM POUCO ATÉ, SE À REFEIÇÃO SE SEGUIU ALGUMA CONVERSA ARRASTADA...)

(EM CENA, A MÃE E MANUEL, O FILHO COM QUEM VIVE. É DE NOITE JÁ.)

MÃE - Há tantos anos!... Tinhas tu quinze. O teu pai, que Deus tem, esteve sempre a gemer e a dizer que não aguentava mais... Já lá vão... trinta e...

MANUEL- ... trinta e quatro, pronto! Gaita, que a mãe é chata! Trinta e quatro! Se eu tenho quarenta e nove, já feitos, e tinha quinze, faz trinta e quatro! Não é preciso ser grande homem na América, para fazer a conta!

MÃE- Tantos anos! Depois que ele se foi - estou a vê-lo ali, àquela porta, a dizer-le adeus com os olhos muito abertos, e o teu tio cheio de pressa: "Sobe, Afonso! Sobe!"... - depois que ele se foi, morreu o teu pai... Morreu a Emília. A tua irmã Emília era muito bonita; e estava sempre a dizer: "Não hei-de chegar a feia; hei-de ser sempre bonita! Morro nova; não hei-de chegar a feia..." O que ela queria dizer na sua é que durava pouco, coitadinha. E durou. O teu irmão, se calhar, ainda não sabe... Nunca o soube, com certeza. Quem lho havia de dizer?! Já não encontra o teu pai, mas esse, enfim, tinha a morte nos olhos quando o teu irmão partiu. Teria agora o teu pai mais de setenta anos... quase oitenta!... Morreu tão novo, coitadinho!... Quando o teu irmão se foi despedir, o teu pai deu-lhe uma moeda velha, a última coisa que ele dizia de valor de que se despedava e que tinha sido do avô dele, e disse-lhe: "Manda-me doirar isso lá, rapaz. Na América deve ser fácil; é o país do ouro!" E riu-se muito. Foi a última vez que se riu. Era um homem muito engraçado, o teu pai, quando tinha saúde. Coisa com mais graça...! Mas a doença tinha-lhe tirado a alegria...

MANUEL- Ó mãe! Arranje-me a ceta, e depois fale à sua vontade!...

MÃE- Não esperas pelo teu irmão?! O teu irmão vem da América, ao fim de um ror de anos... Há-de gostar de te ver, oh, se há-de! Vocês andavam sempre na brincadeira, porta a-fora, porta a-dentro, ele muito corado, tu mais terroso, e o teu pai a dizer lá do fundo: "Ó Manuel, olha-me o cabelo!" Que?

gado, qual carapuça! Era a brincadeira. Só pensavam na brincadeira. E o teu pai: "Eh rapazes! Eu vou aí com um basculho e arreio num e noutro. Tanto leva o mais velho, como o mais novo!" - Coitado!... - "Tanto leva o mais velho, como o mais novo!" Trinta e quatro anos! Muito deve ter trabalhado o teu irmão!

MANUEL- Nunca teve um quarto de hora para escrever à mãe?!...

MÃE- E hoje um grande homem na América! Dono de altos negócios! Ele tinha muito tino, com aqueles olhos muito espertos... e muito meigos. Vocês eram amigos. Eram dois irmãos muito unidos. Tu choraste... como tu choraste quando o teu irmão abalou!...

MANUEL- Tenho chorado toda a vida... A porca desta vida!

MÃE- Como virá ele? Bonito . Esmerado. Fino. O meu filho é um homem fino! Um grande homem! Ai, tão engraçado! Quando uma vez o mandei à venda... Andava ele na brincadeira com os outros garotos e eu chamei-o: "Ó Afonso!" - Nada. - "Afonso!!" - Lá vinha ele com aqueles olhos a furar tudo: "Mãe?" - "Vai ali à do Artur, e traz-me uma quarta de arroz!" - E sabendo que ele gostava muito de arroz com grão, disse-lhe, para o ajudar a desapegar da brincadeira: "É para fazer arroz com grão. Vai, filho!". Então ele, vira-se para mim com uma cara muito esperta, com muito pouca vontade de ir fazer o recado: - "Oh, mãe. Faça só "grões", faça só "grões"!"

MANUEL- Inda vccemccê se lembra?!

MÃE- Se me lembro! E a tua irmã não via cutra ccisa. "Ó Afonso!" - dizia ela - "Cá em casa há duas mães!" - Tinha ele... - quê? - dois anos, dois anos e meio, quando muito!... - Ela ia nos treze, sei lá! Tão boazinha. Ficou muito novinha sem os irmãos que haviam de brincar com ela; e vocês eram pequenos demais. Fazia de mãe. E então dizia: - "Cá em casa há duas mães; para que hão-de vocês estar sempre a ralar uma só?..." Era para me ajudar. Tu eras mais agarrado a mim. - "Ó mãe! Ponha o Afonso no chão e a mim no colo!" Isto dizias tu na tua maneira tão engraçada de falar, e a tua irmã lá vinha, agarrava no teu irmão e dizia-lhe que era mãe dele, para ver se ele não chorava.

(UMA SUSPENSÃO.UM SUSPIRO)

E às vezes não chorava!... (OUTRO SUSPIRO) E demora a chegar?! Ele partia de Lisboa logo que pisasse terra... ou

não? Com certeza que sim. De Lisboa até aqui são um ror de léguas, mas de automóvel... Andam a uma velocidade deitada... Deus permita que não tenha algum desastre! Mas não, se Deus permitir! Ai, o meu querido filho! Deve ficar admirado de ver a sua mãe. Deixou-me tinha eu... Ia quase nos quarenta e três! Estava uma velha, com tantos trabalhos que tenho tido... Como hei-de estar agora? Nem me vai conhecer. Mas eu digo-lhe: "Olha aqui a tua mãe, Afonso!"

MANUEL- Bem Vcccmccô está com essa cisma de me deixar sem ceia. Sei lá se ele só vem amanhã... ou nunca! Ele nunca quis saber da gente!

MÃE- Não digas isso, Manuel! Sabes lá dos trabalhos que padeceu durante estes anos todos, para chegar aonde chegou?! Sabes ~~xxx~~ lá, filho!

MANUEL- E vcccmccô, sabe?

(LEVANTA-SE E ENCAMINHA-SE PARA UM CANTARO QUE LEVANTA E PÕE À BOCA)

Pronto. Já ceci. E agora vou-me até à cama. Se ele vier, logo acordo.

(SAI POR UMA DAS PORTAS)

MÃE- Eu só quero perguntar-lhe: "Tens fome? Queres que te arranje qualquer coisinha?" E ecamos todos, como noutro tempo, quando esta casa era uma casa de alegria. Tudo se fez. Tudo se foi. Esteu para aqui eu. E tu, sem a tua mulher, também sem filhos para te alegrarem. Trinta e quatro anos! O teu pai... - "Ó Manuel!" - Era eu a chamá-lo, quando vccês me não largavam. A tua irmã... - "Ó Emília!" E a tua irmã vinha logo, com o seu medo tão doce. E os meus meninos, tão pequeninos, que nem chegaram a ser gente. E tu? Tens sido um meiro de trabalho, tens, desde garoto... E tudo o que é mau tem vindo bater a esta porta: mortes e doenças, mortes e doenças... Trabalhos e cansaças! Saudades e lágrimas! E até fome! Até fome temos passado! Mas esta alegria agora, tudo lava, tudo refresca!... Tão bem! e meu filho da América, que eu cuidava perdido... - Trinta e quatro anos é uma vida! - está aí a chegar! Rico! Rico e bem!... - "Ó Afonso!" - E ele: "Ó mãezinha! Faça só "grões"...! Ceitadinho. E quando ele me pedia para lhe cantar aquela: "Salta e paspalhão para o meio, para a cabeça levar. É bem feito, é bem feito! Não achas com quem casar..."! (FAZ A VOZ DO FILHO PEQUENO) "É bem feito! É bem feito! Não achas com quem "cajar"!...

(JÁ TEVE UM ACOMETIMENTO DE SONO)

"É bem feito! É bem feito!" Não achas com quem casar!... É bem feito! É..."

(HÁ UM LEVE SUSPIRO E A CABEÇA PENDE-LHE. ADORMECE.)

(OUVE-SE DO LADO DE LÁ DA PORTA POR ONDE SAIU, A RESPIRAÇÃO ROUCA E PESADA DE MANUEL. O TEMPO PASSA, RUIDOS NOCTURNOS, SOLTOS. UM ESTALIDO DE MADLIRA. O TEMPO PASSA, UM POUCO MAIS.)

(UM SOM DE AUTOMÓVEL ROUCO E POTENTE, LÁ FORA)

MÃE- (ACORDA NUM ESTREMECIMENTO) Han?!

(ESTICA A CABEÇA A ESCUTAR. O MOTOR DO AUTOMÓVEL ESTÁ A TRABALHAR. UM LAIVO DE LUZ VIVA CORRE PELAS FRINCHAS DA PORTA DO PÁTIO)

MÃE - Ai!

(LEVANTA-SE. MANUEL SOLTA UM RONCO)

MÃE- Manuel! É o teu irmão!

(ESTÁ DE PÉ. MÃOS INCLAVINADAS, ESPERANDO)

MÃE- Manuel!

(BATE A PORTA DO AUTOMÓVEL)

AFONSO- (FORA-VOZ FORTE, DOMINADORA, ALLEGRE, MAS DE ACENTO DURO, BATALHADOR E UM ESTRANHO SOTAQUE ESTRANGEIRO) É aqui? Ou não é aqui?
(RI GOSTOSA E GUTURALMENTE)

MÃE- (ESTÁ PARADA. TETRDITA, BRAÇOS MEIO ABERTOS, ENCURVADOS. NÃO PENSA QUE É PRECISO IR À PORTA PARA A ABRIR) Manuel!

AFONSO- (FORA) É aqui a casa da família Fialho?

MANUEL- (TRÓPEGO. TEM O VESTUÁRIO ENXOVALHADO. REPOUSA PARA A MÃE)
Vamos lá ver, mãe, então! Vocemecê ficou pasmada?!...

(MANUEL LEVANTA A PEQUENA TRANCA DA PORTA E ABRE-A. OUVE-SE O CHIAR DOS GONZOS VELHOS. OS FARÓIS DO AUTOMÓVEL ENTRAM AGORA PELA CASA COM A SUA LUZ CRUA E CEGANTE. À SUA FRENTE, EM TONCRATLUZ, UM VHLTO, ALTO, SÓLIDO, DIREITO. É AFONSO. MANUEL, O IRMÃO, RECUA. A MAL TEM UM SOM QUE É UM GEMIDO).

MÃE- Ó meu filho!... Não te vejo!...

(AFASTA-SE PARA O LADO PARA SE FURTAR AO ENCANDLAMENTO)

AFONSO- É o carro!

(EMPURRA A PORTA PARA A FECHAR, ENQUANTO RI COM UMA SÓLIDA GARGALHADA. ABRE OS BRAÇOS)

AFONSO- Afonso Fialho! Good evening! Boa noite!

(É UM PERFEITO EXEMPLAR DE AMERICANO. CABELOS GRISALHOS, OS MESMOS OLHOS QUE A MÃE RECORDOU, MAS BATIDOS PELA LUTA DURA E IMPIEDOSA DO

"STRUGLE FOR LIFE"AMERICANO)

MÃE- (ESTÁ COMO PERANTE UMA APARIÇÃO) Vem cá, meu filho. Que filho que eu tenho! Que grande?!

(AFONSO FOI ATÉ À MÃE E, CURVANDO O TRONCO, BEIJOU-A NA TESTA. OS BRAÇOS ABERTOS DA MÃE ESTREITARAM-NO)

MÃE- (APONTANDO O OUTRO FILHO) O teu irmão!

AFONSO- (VIRANDO-SE E LEVANTANDO UM BRAÇO) Manuel? Hello, Manuel! (ESTENDE-LHE A MÃO, EM LARGO GESTO). (MANUEL TEM UM REGOUGO A QUERER SER A SAUDAÇÃO. AFONSO É UM SER TOTALMENTE ESTRANHO ÀQUELA CASA, ÀQUELES SERES, TUDO NELE RESPIRA UM TIPO DE VIDA, UM RITMO, UM À-VONTADE DESCONTRASTE E SEMPRE SORRIDENTE, TÃO DIFERENTE EM TUDO DO QUE O CERCA, QUE SE PODERÁ DIZER SER UM ERRO, SER UM ESTRANHO ERRO ESTE ENCONTRO).
(TRO).

MÃE- Senta-te, meu filho! 'Tá aí um banquinho. Ai, eu não sei... (RI E CHORA AO MESMO TEMPO) eu não sei como te hei-de falar?! Tu és o meu filho e és um senhor... És um senhor tão grande... e nós somos... cilha para nós, Afonso! Olha o que somos!

(A MÃE ESTÁ TUNJO DO OUTRO FILHO, QUE, AINDA DE PÉ, MANTÉM A POSTURA EM QUE SE QUEDOU QUANDO O IRMÃO SURTIU. AFONSO NÃO SE SENTA. APROXIMOU-SE DO BANQUINHO OFERECIDO PELA MÃE, CHEGOU A TOCAR-LHE COM A MÃO, MAS SUSPENDEU O GESTO DE SE SENTAR).

AFONSO- (OLHANDO À SUA VOLTA) Tudo! Tudo na mesma!

MÃE- OLHA, FILHO. (LEMBRA-SE DO SEU PROJECTO DE UMA CEIA) Tens fome? - Credo?! Queres petiscar?! (SENTE-SE CONFUSA E RI-SE DE ENLEAMENTO) Vais cear com a gente... O teu irmão estava à tua espera...!

MANUEL- Tem agora fome?! Vocemecê...!

AFONSO- Não! Quero só falar. Vim ver vocês só.
(SENTA-SE ENTÃO NUM BANCO)

MÃE- Eu arranjo!
(PROCURA ENCAMINHAR-SE PARA A LAREIRA)

AFONSO- Não! I'm not... Eu não tenho fome! Obrigado!

MÃE- (TRISTE, UM POUCO CHOCADA POR NÃO PODER REALIZAR O SEU PROJECTO DE DAR A CEIA, A ANTIGA CEIA, AO FILHO REGRESSADO)
Valha-me Deus!

(VAI SENTAR-SE)

Estavamos a falar, enquanto esperavamos pela tua chegada

que já não encontras tanta gente... O teu pai...

(AFONSO ABANA A CABEÇA, EM CONCORDÂNCIA COM ESSE DESTINO FATAL DAS PESSOAS)

A tua irmã...

AFONSO- A Emília! Eu scube lá. Ccitada!

MÃE- Nunca disseste nada!?!...

MANUEL- Para aqui estivemos...'

AFONSO- Muito trabalho. Duro. Vida dura...

MANUEL- Vida dura?!

AFONSO- Oh yes! Muito dura. Quem não tiver isto... (MOSTRA A MÃO FECHADA, DURA, COMO UM EMBLIMA, UM SIMBOLO DE FORÇA) pfâh! ABRE E SACODE A MÃO PARA O CHÃO, FROUXA, UM SINAL DE DERROTA DE MORTE).

MÃE- Tu estás tão bonito?! E olha para nós! Olha para c que nós somos, Afonso! Só tu... só tu és tão bonito agora em homem - em senhor! - como c eras em criança!...

AFONSO- Oh! Porque diz isso, mãe?

MÃE- Ora!... Olha para c Manuel! Lembras-te como ele era desempenhado? Sempre mais pálido que tu, é verdade. Tinha uma cara que nos deixava horas a olhar para ele, uma cara doce, triste, mas que dava respeito, parecia um príncipe sossegado, amigo de todos... E agora? São os trabalhos, filho! O trabalho é duro, como a miséria. Parece um,,, filho da cutra!...

AFONSO- (LEVANTA-SE) Oh mãe! Mas então... Eu venho de tão longe para ouvir suspiros e lamentações. Isso larguei eu aos catorze anos, quando me fui embora!

MANUEL- (ROSNANDO)... Quando te levaram!

AFONSO- Mas fui. Porque não foste tu?

MÃE- Ó Afonso! Tu bem sabes. O teu irmão era c mais velho... O teu pai dcente...

AFONSO- Fosse! A vida não quer piedades! Se eu lá tivesse andado de mãos postas, a ter pena deste e daquele, não estava agora aqui, em carne e osso. Tive uma vida dura, tive, pois, mas fui sempre mais duro ainda que essa vida. Andei por toda a parte. Tão depressa estava no cimo de quarenta ou cinquenta andares, como andava lá por baixo, por onde anda a merda, que é que julgas?! E nunca chorei, pelo menos depois

-6-

que aprendi que um homem não deve chorar na frente de outro!
Quem tem dó, gasta-o todo! Não fica nenhum depois para terem
dó dele! Comigo assim foi... e com todos, homem, com todos!

MANUEL- Estás rico... e soberbo! Lembra-te como te chamavam, por
aqui, por este povo fora...

(AFONSO OLHA-O DE LADO, APARENTMENTE INDIFERENTE. A MÃE ESTÁ DE OLHOS
ABERTOS, OLHANDO-OS)

MANUEL- "O Pomba da Paz!..."

AFONSO- (INEXPRESSIVO) Shut up!

MANUEL- Quem diria!... Eram as raparigas: "O Pomba da Paz!" E tu
todo sorrisos, cabelos às ondas, melenas para a testa lá-
tras apanhando beijinhos e as amigadas!...

AFONSO- (ENDURECENDO, BATENDO AS SÍLABAS) Shut up!

MANUEL- Quem diria?!

AFONSO- Shut up!

MANUEL- Fala falar de gente! Vai à merda! Está uma pessoa aqui uma
noite inteira, à espera de um soberbo que vem da América,
depois de ter estado assolapado durante trinta e quatro
anos, sem uma palavra nunca para a mãe, sem uma palavra pa-
ra a mãe, sem uma palavra para a família, rico, sem querer
saber da fome negra da família, para lhe ouvir dizer que um
homem não deve chorar na frente de outro!? Vai mil vezes à
merda!

AFONSO- (FOI-SE-LHE APROXIMANDO, IMPASSIVEL MAS TENSO E AO OUVIR O
INSULTO REPETIDO DILSFERE NO IRMÃO UM SOCO BRUTAL NO ESTOMA-
GO, "À AMERICANA" E DOIS SOPAPOS CRUZADOS NO QUEIXO): Shut
up! (SACODE AS MÃOS, COMO SE TIVESSEM PÓ OU SUJIDADE E RE-
PETE SURDAMENTE) Shut up! (COMO DESEJANDO QUE A MÃE COMPRE-
ENDA O QUE ESTÁ A DIZER, TRADUZ, EXPRIMINDO AO MESMO TEMPO
UM TOM OFENDIDO) Cala a bcca!...

(MANUEL ESTÁ DOBRADO E CAÍDO NO CHÃO, E O CORPO TEM ESPASMOS COMO
SE FOSSE LANÇAR PELA BOCA A DOR VIOLENTÍSSIMA DA PANCADA. A MÃE
ESTÁ DE PÉ, HIRTA, E CAMINHA LENTAMENTE PARA A FRENTE, COMO ARRAS-
TADA PELA DOR. AFONSO AFASTOU-SE DOIS PASSOS, DISTANCIANDO-SE DO
IRMÃO CAÍDO. A MÃE JÁ ESTÁ BEM À FRENTE, OLHOS PERDIDOS, VISANDO
UM PONTO ACIMA DESTAS DORES)

AFONSO - Mãe!

(A MÃE NÃO RESPONDE E FAZ-SE UM PESADO SILÊNCIO)

(ENTÃO AFONSO, DEPOIS DE OLHAR À SUA VOLTA E DE UM ÚLTIMO OLHAR À
MÃE, ENCOLHE UM OMBRO E SAI. O MOTOR DO CARRO DÁ UM RONCO E A LUZ



FOLHA DE PRESENCAS

minutatio-Visita multa Breve

Referência

N.º/R.P.L.

N. S.P.P.

Datas

da gravação 22 de Janeiro.

de 1975 às 12.00 horas.

da 1.ª emissão 27 de Janeiro

de 1975 Programa 15-304

Director artístico

Fernando Gusiñá

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Josefina Silva Carlos Ferreira João Lourenço	Mãe Manuel Afonso	Josefina Silva Carlos Ferreira João Lourenço

Pessoal da Emissora Nacional

Gravação

Costela Esteviz, João Feliz e Manuel Loucis

Lisboa,

de

de 196

Visto do Chefe da S.P.P.